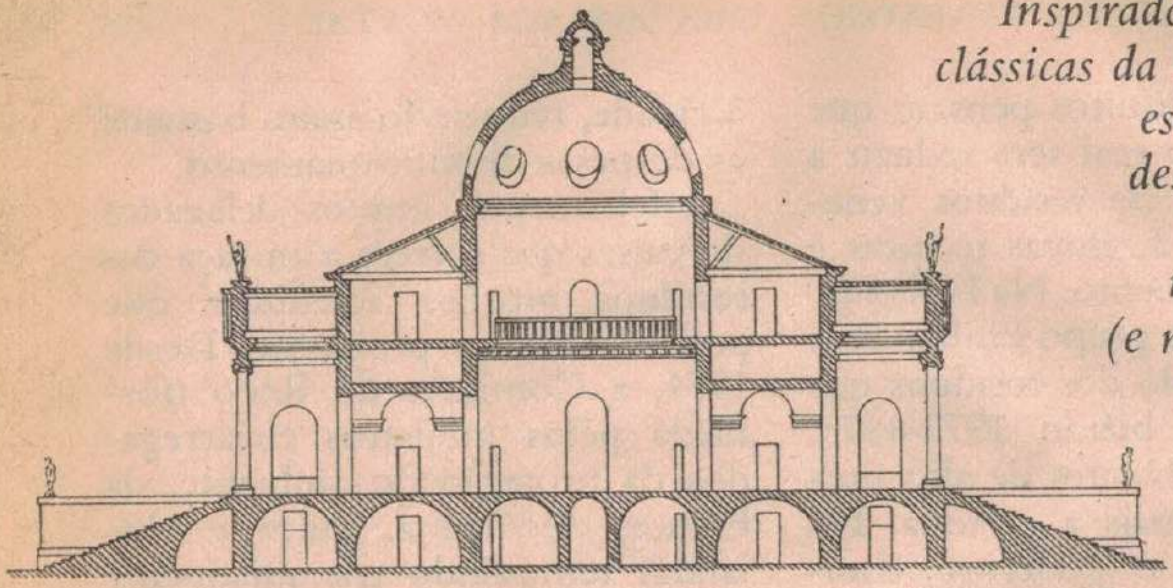
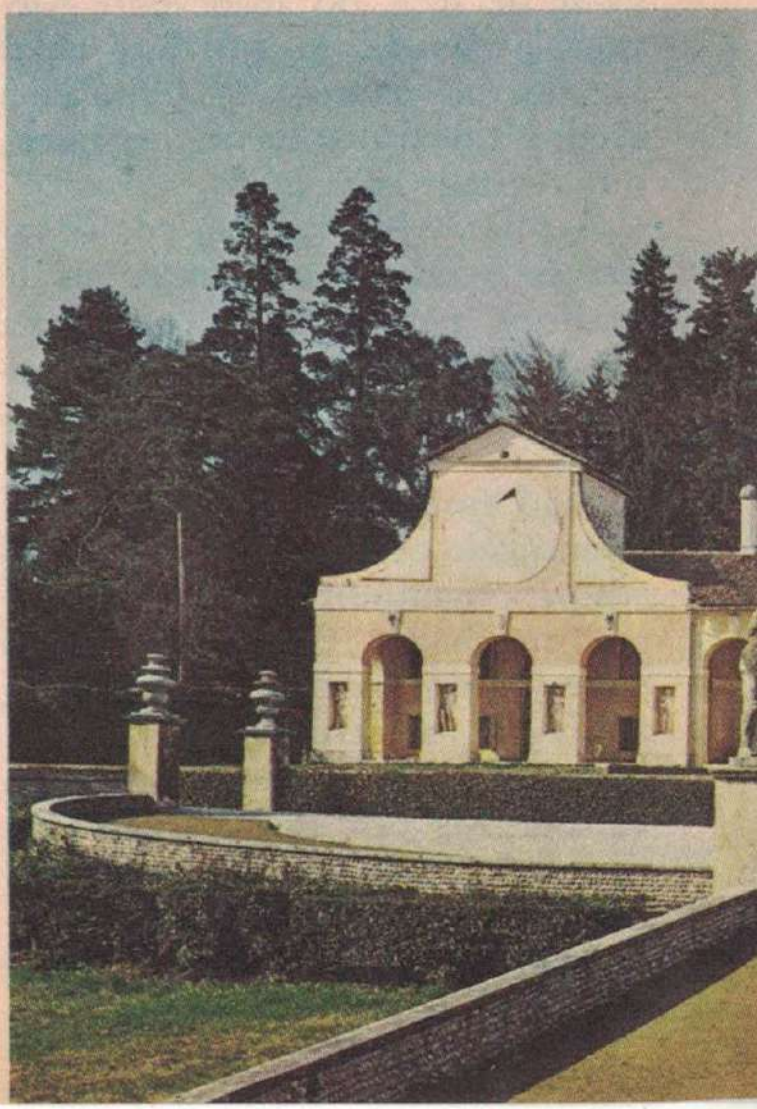


Projeto para a Villa Capra, conhecida como «Rotonda», desenhado por Palladio

Inspirado pelas formas clássicas da Roma antiga, este ex-pedreiro desenhou alguns dos edifícios mais graciosos (e mais imitados) do mundo

PALLADIO – o Mozart dos arquitetos

JANET GRAHAM



SOB o resplandecente sol de Roma, um homem pequenino curvava-se entre as ruínas do Fórum, medindo e desenhando uma das gigantescas colunas de um templo; era Andrea Palladio (arquiteto do século XVI, da cidade de Vicenza, ao Norte da Itália), que tinha começado sua carreira como cortador de pedra, e estava então empenhado em proceder a um pormenorizado registro de alguns dos mais grandiosos monumentos da antiguidade. Ele trabalhava febrilmente, pois, pouco tempo antes, parte desse

mesmo templo fora destruída por vândalos e suas belezas estavam perdidas para sempre.

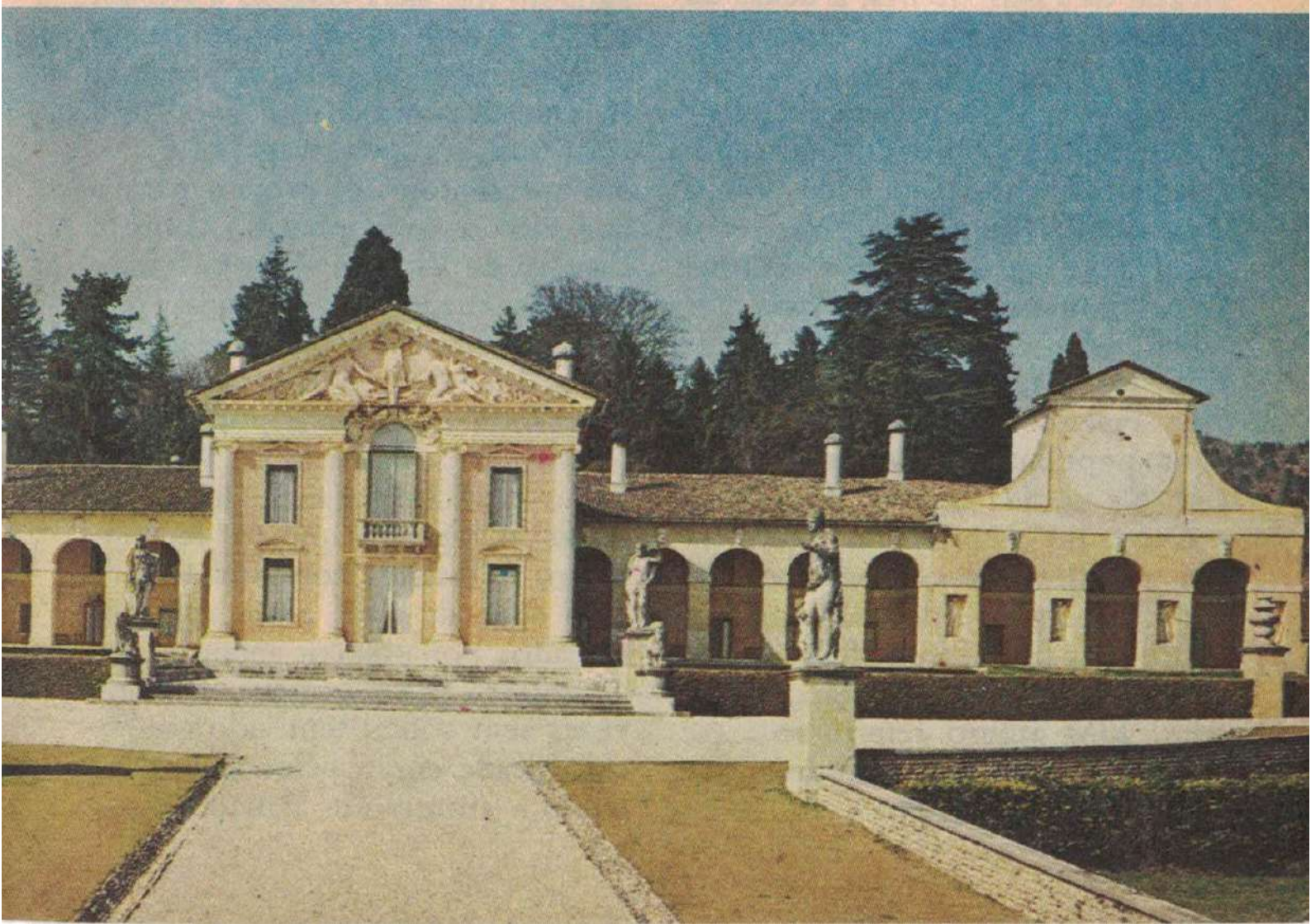
Seus perfeitos e cuidadosos desenhos dos edifícios de Roma, assim como seus magníficos esboços (mais leves e graciosos, embora inspirados em formas antigas), iriam se tornar célebres em todo o mundo.

Os Quatro Livros de Arquitetura, de Palladio, publicados em 1570, contribuíram para fazer dele o mais influente e imitado arquiteto que jamais existiu. Influenciaram profundamente a arquitetura inglesa do período georgiano e a época colonial nos Estados Unidos, projetando sua sombra elegante por toda a Europa, de Leningrado a Portugal. Traduzidos para quase todas as línguas européias, têm sido constantemente reeditados até nossos dias.

Embora Palladio, pela graça e sobriedade dos seus edifícios, tivesse conquistado o título de «O Mozart dos Arquitetos», suas origens foram de fato humildes. Filho de um modesto moleiro, nasceu em Pádua a 30 de novembro de 1508, dia de Santo André – daí seu nome Andrea. Aos 13 anos, começou a trabalhar como aprendiz de um canteiro bastante exigente, mas fugiu dali e aos 16 anos fixou-se em Vicenza, onde um mestre mais cordial o aceitou como escultor de elementos para portais, altares e túmulos.

A Villa Barbaro, em Maser, perto de Treviso

SCALA



Um dia, Andrea, já com vinte e poucos anos, foi enviado para trabalhar numa casa de campo que o Conde Giangiorgio Trissino, aristocrata e protetor das artes, estava construindo. Diz a tradição que Trissino estava indeciso quanto à maneira de adaptar uma nova escada na sua mansão. O jovem artista, confiante em suas possibilidades, sugeriu-lhe uma idéia fora do comum: uma escada em caracol engenhosamente situada. O conde ficou espantado com a originalidade do jovem e, desde então, decidiu dar-lhe alojamento e educá-lo. Trissino ficou tão impressionado com o talento e a inteligência do jovem Andrea que lhe deu o nome de Palladio, nome derivado de Palas Atenas, a deusa da sabedoria e das artes da Grécia antiga.

Pequeno, irrequieto e de olhar vivaz, Palladio tinha uma personalidade cativante. Em 1534, casou com a filha de um carpinteiro; o casal teve quatro filhos e uma filha. Os meninos, com a mãe, por vezes eram incumbidos de pedir dinheiro aos clientes devedores, pois Palladio, apesar de sua crescente popularidade, continuava pobre. Na década de 1560, embora o número de encomendas que recebia excedesse sua capacidade de trabalho, ele teve de pedir que seu filho mais novo, Silla, fosse aceito num internato para crianças pobres. Um amigo referiu-se a ele como o «pobre tio Andrea que gasta tudo que ganha».

Um dos primeiros clientes de Palladio foi o Conselho Municipal de Vicenza (que era então uma cidade de 20 mil habitantes e fazia parte da República de Veneza). O local de reuniões do Conselho era um edifício gótico, cujos dois pisos de *loggias* tinham desabado pouco depois de estarem acabados. Projetos para sua reconstrução haviam sido encomendados aos mais célebres arquitetos do Norte da Itália, mas nenhum conseguia atender às exigências dos vereadores. Desorientados, resolveram recorrer ao artista da região, o ex-talhador de pedra desconhecido que até então só desenhara três modestas casas-de-campo.

Por três vezes, Trissino levara Palladio nas suas viagens a Roma, e lá o jovem ficara deslumbrado com as maravilhas da arquitetura clássica. Em março de 1546, logo após sua segunda viagem, Palladio apresentou um projeto para o que viria a ser conhecido como a Basílica de Vicenza. Entusiasmado com as magníficas fachadas que vira, desenhou dois pisos de *loggias* de pedra branca, com arcos de volta inteira separados por colunas jônicas, os quais dariam a volta ao velho edifício, criando um conjunto maravilhosamente harmonioso. A fachada compunha-se de uma série de altos arcos centrais, ladeados por espaços menores retangulares. Este projeto, copiado vezes sem conta, tem sido conhecido desde então pelos arquitetos como o «motivo de Palladio».

A idéia de Palladio foi aceita, mas ele não chegaria a ver a basílica terminada; por falta de fundos, levou 65 anos a ser construída. Finalmente concluída em 1614, a grandiosa fachada ergue-se hoje majestosamente no centro da praça principal de Vicenza. Ao lado dela, uma estátua do arquiteto contempla com ar benévolo as bancas do mercado, as mesas dos cafés e os turistas que passam.

Depois de ter obtido a aprovação de seu projeto da basílica, Palladio começou a ser muito procurado tanto para construir casas particulares (na cidade ou no campo) como para edifícios públicos. A aristocracia de Vicenza, em especial, queria construir casas de veraneio em suas propriedades, mas não desejava simples casas de campo; como não eram somente donos de terras mas também pessoas de cultura, queriam que suas casas não tivessem apenas celeiros mas também bibliotecas. Encontraram em Palladio o arquiteto ideal, que reunia senso prático a um elegante classicismo. Acima de tudo, dava ênfase à necessidade de proporções exatas, em que cada detalhe e cada sala criasse um todo simetricamente equilibrado. Palladio estava convencido de que as leis das proporções em arquitetura, tão exatas como as da harmonia musical, poderiam, como estas, elevar a alma e acalmar os espíritos perturbados. Assim, construiu cada casa-de-campo para ser um local «onde o espírito, fatigado pela agitação da cidade, reencontrasse paz e conforto».

A maior parte das mansões por ele construídas caracterizam-se pelo seu «frontão de templo», o qual vemos ainda hoje bastante copiado em edifícios públicos. Nessas mansões, as salas de estar, de refeições e os quartos situam-se geralmente num andar principal, elevado, de maneira a permitir boa perspectiva sobre a paisagem. Em baixo, amplos porões destinam-se a despensas e instalações da criadagem, enquanto os sótãos são reservados a guardar palha e cereais. As fachadas são por vezes embelezadas com escadarias exteriores, que produzem efeitos decorativos complexos e variados.

A casa senhorial e as outras menores que a rodeiam são planejadas como um todo. Da residência principal partem por vezes colunatas, que se estendem como braços ligando-a aos estábulos, celeiros e às casas dos colonos. Palladio desejava que a casa-grande se destacasse da paisagem que a rodeava, como se desse as boas-vindas aos visitantes. O crítico de arte Nikolaus Pevsner salienta: «Aqui, pela primeira vez na história da arquitetura ocidental, a paisagem e os edifícios foram concebidos como elementos complementares.»

Uma das mais encantadoras mansões de Palladio é a de Maser, perto de Treviso, construída para seu amigo Daniele Barbaro. É uma jóia renascentista ricamente ornamentada, onde no entanto

SCALA

Fachada da igreja de San Giorgio Maggiore, em Veneza

podemos encontrar certa funcionalidade campestre. As salas de estar elevam-se em destaque sobre uma gruta monumental de sombras de ciprestes, com lago e fonte. Desta fonte, Palladio desviou a água até a cozinha e, de lá, para dois tanques onde os animais bebiam e, finalmente, até a horta, onde era aproveitada para irrigação.

Nos subúrbios de Vicenza, ele construiu a Villa Rotonda, para um dignitário eclesiástico aposentado, que não devia parecer residência mas antes um recinto para festas. Esta mansão, um edifício quadrado encimado por uma cúpula achatada, possui quatro pórticos idênticos, dos quais se avistam maravilhosas paisagens e donde descem elegantes escadarias. Concluída em 1555, seu desenho foi mais tarde adaptado em toda a Europa, desde a Itália, França e Polônia até a Suécia. Em 1570, Palladio tornou-se o principal arquiteto consultor da República de Veneza. Com a família mudou-se para Veneza a fim de dirigir obras públicas, organizar a restauração do Palácio dos Doges, que tinha sido danificado por um incêndio, e desenhar imponentes mosteiros e igrejas. Sua extraordinária arte torna-se bem patente para qualquer pessoa que esteja perto da

praça de São Marcos em Veneza e admire as fachadas de mármore branco de San Giorgio Maggiore erguendo-se majestosas na sua ilha distante.

A vida de Palladio, porém, cedo foi perturbada por desgostos pessoais. Dois de seus filhos morreram e ele ficou tão abalado que passou a levar uma vida reclusa. Em princípios de 1580, regressou a Vicenza e, pouco tempo depois, começou a trabalhar no seu último projeto grandioso: um teatro de madeira. O velho artista não chegaria a concluí-lo, pois morreu em agosto de 1580, aos 71 anos, e foi chorado por toda a República de Veneza. O Teatro Olímpico, no entanto, foi acabado por seu discípulo Scamozzi. Trata-se do mais antigo teatro coberto existente, e ainda hoje é usado regularmente para espetáculos líricos e representações clássicas.

Depois da morte de Palladio, a arquitetura na Itália afastou-se cada vez mais do seu moderado classicismo para a exuberância do barroco. A influência desse homem, porém, floresceu no resto da Europa.

Cem anos mais tarde, Lord Burlington, arquiteto autodidata britânico, quando de uma visita à Itália, conseguiu comprar grande parte dos desenhos originais de Palladio. Depois, fez com que muitos deles fossem publicados, contaminando com seu entusiasmo toda a Inglaterra. «Com Burlington», disse o historiador de arquitetura Banister Fletcher, «o estilo palladiano condicionou toda a evolução da arquitetura na Inglaterra.» Nessa altura, seu estilo já se espalhara por toda a Europa. Entre as obras famosas inspiradas em Palladio, destacam-se: a Mauritshuis, na Haia, Holanda; a Riddarhus, em Estocolmo; o Palácio Czernin, em Praga; o castelo La Vacherie, na Normandia; e o Tsarskoe Selo (hoje denominado Pushkino), perto de Leningrado.

Os desenhos de edifícios de Palladio foram avidamente copiados pelos ricos plantadores do Sul dos Estados Unidos. Assim, por volta de 1850, dois continentes tinham sido enriquecidos com construções no estilo de Palladio. Mesmo no nosso século, construíram-se notáveis edifícios no estilo palladiano, dos quais a *National Gallery of Art*, em Washington D. C., é um notável exemplo. Dos cerca de 30 edifícios originais de Palladio, construídos em Veneza, Vicenza e seus subúrbios, ainda existem atualmente perto de 25.

Nunca fora de moda, esse famoso arquiteto construiu para todos os climas e épocas. Desejava que suas obras «transmitissem uma suave harmonia aos olhos dos observadores». Num mundo de estética perturbada, Palladio oferece-nos ordem, equilíbrio e serenidade. Em toda a história, poucos foram os homens que alteraram tão profundamente o gosto e o ambiente de sucessivas gerações. ▲